

## **IDENTIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM COMUNIDADES TERREIRO DE CANDOMBLÉ KETU NO RIO DE JANEIRO**

Fábio Henrique Labri da Costa<sup>1</sup>; Fernando Altair Pocahy<sup>2</sup>

**INTRODUÇÃO:** O presente estudo busca sentidos produzidos por indivíduos iniciados no candomblé face às interpelações da (hetero)cisnormatividade. Em nossas apostas de pesquisa seguimos no rastro das apostas de Judith Butler (2010) quando nos apresenta o desafio de pensar o conceito de gênero não somente como culturalmente construído, mas informando que nosso olhar sobre o sexo é desde sempre gendrado. Como forma de acompanhar essa produção de gênero nos terreiros a pesquisa em curso busca perceber como se dá o acolhimento e a vivência de travestis e transexuais, as práticas religiosas por eles desenvolvidas e como as pedagogias de gênero e sexualidade exercidas e veiculadas no candomblé articulam-se na produção dos discursos, saberes, práticas reguladoras, práticas corporais e na relação com o sagrado. **(DES)CAMINHOS DA PESQUISA:** Para responder aos questionamentos propostos inicialmente neste trabalho nos empenhamos em uma pesquisa cartográfica. A pesquisa-intervenção (como pode ser compreendida a cartografia) é articulada a partir de conversas com pessoas que compõem os territórios (sagrados) e que nos auxiliam na produção de uma problematização interseccionada sobre gênero, sexualidade e religião. Conversamos com dez sacerdotes (Babalorixás e Yalorixás<sup>3</sup>) do culto de matriz africana, candomblé, buscando acompanhar algo dos sentidos produzidos nesses espaços-tempos do sagrado, com ênfase para as discussões sobre a tessitura das posições de gênero e sexualidade em seus terreiros. Trata-se de uma pequena amostra de um universo de tensões que constituem o atual sistema religioso do candomblé Ketu no estado do Rio de Janeiro, incluindo-se a nossa participação ativa nesse contexto religioso. Assumimos (primeiro autor e segundo autor/orientador) os riscos de uma posição que leva em conta que as coisas que fazemos-vivemos, entre elas a ciência, são coisas deste mundo, estão encharcadas de (nossos) mundos, nossas posições/implicações com o mundo e o modo como produzimos conhecimento com o mundo e não sobre o mundo, as coisas, as pessoas... a vida. O conhecimento é aqui conhecimento da vida, para a vida. **NOTAS E**

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras, Mestrando em Educação/ Programa de Pós-Graduação em Educação ProPEd-UERJ, flabri@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Educação, Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação – ProPEd-UERJ, pocahy@uol.com.br

<sup>3</sup> Chefe espiritual e administrador da casa, responsável pelo culto aos orixás.

**PROBLEMATIZAÇÕES DE UMA PESQUISA EM CURSO:** Observamos que existe no candomblé uma ambiguidade muito grande quanto ao acolhimento a travestis e transexuais, aproximando-se de representações de gênero e de sexualidade cisnormativas. Muitos/as sujeitos ficam nesses espaços, mas não conseguem vivenciar plenamente a identidade de gênero e a sua religiosidade no terreiro. Sobre a presença e iniciação de travestis e transexuais no candomblé todos os sacerdotes com quem conversamos se aproximam de um argumento que considera que *“as comunidades de terreiro são espaços onde não existe preconceito”*; *“Nossa comunidade aprendeu a respeitar as diferenças, são pessoas tem ori(cabeça) e se tem bom coração e fé, não está em questão a orientação sexual”*; *“Podem e devem ser iniciados se assim for a vontade do sagrado”*. E, ao serem provocados sobre o que define masculinidade e feminilidade dentro dessa tradição religiosa, as respostas demonstram que não há um consenso, mas uma diversidade de entendimentos. Ao contrário do que possa parecer, isso pode demonstrar certo tipo de mudança na mentalidade da liderança religiosa que constitui o imaginário coletivo dos dogmas religiosos: Sacerdote 1 *“O gênero ao qual a pessoa efetivamente pertence, seja por nascimento ou por transição definitiva.”* Sacerdote 2 *“o ara (corpo) pode ter uma energia vital de acordo com o sexo de nascimento, mas o Ori (cabeça), é capaz de estabelecer uma orientação sexual diversa. Um exemplo: é cientificamente comprovado que a compleição muscular do homem, devido a herança genética, é diferente da mulher. Um homem trans então pode pensar, sentir, agir de forma feminina, mas não perderá a força física. Ou seja: corpo (genética) e cabeça (emoção) são distintos. Mas, conforme o critério litúrgico, é a energia do sexo (corpo) é que determinará as funções e cargos rituais.* Sacerdote 3 *“Acredito na ligação do Ori(Cabeça) com o Orum(céu) e o Ayê(Terra), logo se uma cabeça pensa como mulher, acredita ser uma mulher, ainda que o tenha nascido com outro sexo ela precisa ser respeitada como mulher”*. Sacerdote 4: *“Útero :Presença feminina, culto ligado às Mães Ancestrais, que gera vida e conseqüentemente continuidade. Candomblé é culto de ancestral! Pênis ...representa a virilidade e a força masculina, poder de introduzir vida é assim um equilíbrio da continuidade. Fêmea. Macho.”* Sacerdote 5: *A transexual vai ser respeitada como ela é.”* As interlocuções estabelecidas sinalizam que as práticas do candomblé guardam consigo algo da imbricada relação com a cisnorma. Por certo assume singularidade que por ora se coloca como desafio para uma pesquisa que está começando. Se não há restrições ao pertencimento religioso em relação às travestis ou à diversidade sexual, por outra parte o corpo cisgenderado parece ocupar lugar no sagrado das práticas que estamos acompanhando. **IN/CONCLUSÕES OU PAUSA CARTOGRÁFICA:** Posições de sujeitos-praticantes de cotidianos que ao

mesmo tempo são produtos e produtores dos espaços por onde circulam numa relação de alteridade e produção de diferença, nossa cartografia acompanha o sagrado (e o) in-mundo, nos territórios do sagrado neste mundo, entre-lugares por onde corpos são (in)capazes de circular, afetar e ser afetados. Pedimos licença ao sagrado para seguir acompanhando redes de conhecer-aprender-sentir-viver na intersecção entre religião, gênero e sexualidade.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade. Tradução Renato Aguiar. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CAPUTO, Stela Guedes. Educação nos Terreiros e como as Escolas se Relacionam com Crianças de Candomblé. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.